



## “O MILAGRE E O SERTÃO”: A ATUAÇÃO POLÍTICA E INTELLECTUAL DE RACHEL DE QUEIROZ DURANTE O GOVERNO MÉDICI<sup>1</sup>

### "THE MIRACLE AND THE SERTÃO": THE POLITICAL AND INTELLECTUAL PERFORMANCE OF RACHEL DE QUEIROZ DURING THE MÉDICI GOVERNMENT

Fernanda Coelho Mendes \*

**Resumo:** Este artigo analisa a atuação política e intelectual da escritora Rachel de Queiroz na ditadura civil-militar, durante o governo Médici, utilizando como fonte suas crônicas publicadas na revista *O Cruzeiro* e correspondências trocadas entre a escritora e o presidente militar. O objetivo desta pesquisa é compreender a atuação de Rachel como intelectual mediadora a partir do diálogo estabelecido por ela tanto com seu público leitor e a sociedade brasileira em geral, de um lado, quanto com os militares e a ditadura, de outro. Ao se posicionar publicamente como “a fiadora do governo” e, assim, assumir o papel de mediação entre sociedade e Estado durante o governo Médici, conclui-se que Rachel de Queiroz contribuiu para a legitimação da ditadura no Brasil.

**Palavras-chave:** Rachel de Queiroz. Ditadura. Intelectual.

**Abstract:** This article analyzes the political and intellectual performance of the writer Rachel de Queiroz in the civil-military dictatorship during the Médici government, using as source her chronicles published in the magazine *O Cruzeiro* and correspondences exchanged between the writer and the military president. The objective of this research is to understand Rachel's performance as an intellectual mediator from the dialogue established with both her readership and Brazilian society in general, on the one hand, and the military and dictatorship, on the other. By publicly standing as "the guarantor of the government" and thus assuming the role of mediation between society and State during the Médici government, it is concluded that Rachel de Queiroz contributed to the legitimization of the dictatorship in Brazil.

**Keywords:** Rachel de Queiroz. Dictatorship. Intellectual.

#### Rachel de Queiroz: intelectual engajada

Rachel de Queiroz foi uma cronista, tradutora e escritora nordestina, nascida no sertão do Ceará em 1910, autora de uma série de romances de sucesso e crônicas publicadas em diversos jornais e revistas ao longo da vida. Intelectual influente e consagrada, foi também

<sup>1</sup> Resultado da Dissertação de Mestrado: MENDES, Fernanda. “A fiadora do governo”: as crônicas de Rachel de Queiroz na revista *O Cruzeiro* (1960-1975). Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

\* Doutoranda em História Social pela UFRJ.



uma mulher essencialmente política, desde cedo acompanhando de perto e opinando sobre os principais acontecimentos do país.

Sua estreia no mundo das letras aconteceu em 1927, com 17 anos, no periódico *O Ceará*, onde passou a organizar o suplemento literário do jornal e a publicar suas primeiras crônicas. Esse seria o início de uma longa carreira como colaboradora de periódicos, que inclui veículos como *Diário de Notícias*, *O Jornal*, *O Cruzeiro*, *Última Hora*, *O Estado de S. Paulo*, entre muitos outros. No entanto, Rachel passaria a ser nacionalmente reconhecida no meio intelectual em 1930, com a publicação do seu primeiro romance, *O Quinze*. Baseado na seca que assolou os nordestinos em 1915, o livro aborda os problemas sociais da região e inaugura a forte relação que a escritora manteria com o Nordeste ao longo de sua vida intelectual, tanto nos romances quanto nas crônicas publicadas.

Além de frequentar as rodas literárias cearenses desde cedo, Rachel também teve a juventude ligada a grupos de esquerda. Engajada politicamente, em 1931 ajudou a fundar o núcleo do Partido Comunista do Brasil (PCB)<sup>2</sup> em Fortaleza, mas sua filiação partidária não durou muito. Em uma visita ao Rio de Janeiro, a escritora foi chamada pela diretoria do PCB a apresentar uma cópia de seu novo livro, *João Miguel*. Os líderes do partido não aprovaram o conteúdo da obra, alegando que a classe operária era retratada de forma negativa, e exigiu alterações em parte do enredo para autorizar a publicação. Rachel não concordou com as exigências e foi expulsa do PCB em 1932, mas continuou frequentando grupos trotskistas. Dois anos mais tarde, se candidatou à deputada pelo Partido Socialista, integrando a Frente Única Antifascista (FUA), mas perdeu as eleições. Por conta deste envolvimento com o comunismo e outros grupos de esquerda, a escritora foi presa algumas vezes durante o governo Vargas, além de ter o seu terceiro romance, *Caminho de Pedras*, queimado em praça pública. (QUEIROZ; QUEIROZ, 1998)

Em reportagem de 1971 feita por João Clímaco Bezerra na revista *O Cruzeiro* sobre o perfil e a trajetória de Rachel de Queiroz, o jornalista destaca: “A política, insistimos, é sua paixão, o traço de nitidez mais forte da sua personalidade. Aquela política que não admite panos mornos, acomodações, concessões. Antes quebrar do que torcer”. (*O Cruzeiro*, 24/03/1971, p. 105) A reportagem continua, descrevendo seu envolvimento com episódios da política brasileira e reproduzindo as palavras da escritora:

<sup>2</sup> A alteração do nome para Partido Comunista Brasileiro aconteceu apenas em 1961.



Abandona o Partido da juventude por desencanto e revolta, desde o nascimento do Estado Novo, intransigente, irreconciliável. Corajosamente, perigosamente, vai falando, entusiasmando-se num crescendo: ‘Fui conspiradora desde a primeira hora. Conspirei contra Getúlio, durante todo o Estado Novo; conspirei contra a sua volta; conspirei para sua queda e ascensão do amigo Café’ (*O Cruzeiro*, 24/03/1971, p. 105-106).

Rachel de Queiroz foi opositora ferrenha de Getúlio Vargas em seus dois governos e, após a morte do presidente, continuou se posicionando radicalmente contra o que chamava de “herança varguista”, o que incluía o trabalhismo, os grupos políticos em torno do Partido Social Democrático (PSD) e do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), e os governos de Juscelino Kubitschek e João Goulart. Em seu livro de memórias, escrito a quatro mãos com sua irmã mais nova, Maria Luíza de Queiroz, Rachel conta sobre como recebia intelectuais e militares em seu apartamento no Rio de Janeiro durante o governo Jango, passando as noites em “vigília cívica” com o objetivo de conspirar para a derrubada do presidente da República:

Já o que nós fazíamos era conspiração mesmo: saber onde estava a tropa, o que tinha havido, se o coronel fulano tinha se manifestado, se o coronel beltrano era de confiança, que fulaninho era muito ambicioso, só queria se meter com a gente procurando posições, que se tinham sérias desconfiças de que fulano traía – era conversa de conspiração mesmo, no duro. Naturalmente que comigo eles não se abriam ou se aprofundavam muito. Eles me usavam como jornalista, eu opinava muito e era muito lida. [...] Mas o lado político, de pregação, de jornalismo de combate, de artigos de encomenda, de nos trazerem assuntos para a gente falar, isso era o nosso trabalho. (QUEIROZ; QUEIROZ, 1998, p. 204)

O “jornalismo de combate” ao qual a escritora se refere consiste principalmente em suas crônicas publicadas na seção *Última Página* da revista *O Cruzeiro*, um dos carros-chefes dos *Diários Associados*, conglomerado de mídia fundado por Assis Chateaubriand. Rachel de Queiroz colaborou para a revista durante 30 anos quase ininterruptos, de 1945 até 1975, onde abordava os mais diversos temas, como literatura, casos do cotidiano, artes, cultura, questões econômicas e sociais e, principalmente, política. Acompanhando de perto os principais acontecimentos do país, Rachel analisava eleições, indicava candidatos, comentava a situação dos partidos e apontava as principais dificuldades que permeavam o cenário político brasileiro.

O início da década de 1960, período lembrado por Rachel no trecho acima, foi de intensa radicalização e disputas políticas, sobretudo na imprensa. Apesar de muitos jornais



terem defendido a posse de Jango em 1961, apoiando a “Campanha da Legalidade” liderada por Leonel Brizola após a renúncia de Jânio Quadros, a crescente radicalização política que se seguiu, junto com elevados índices de inflação e a paralisação política em torno das reformas de base, entre outros fatores, minaram o apoio de boa parte da imprensa ao presidente. Quase todos os grandes jornais da época, como o *Diário de Notícias*, o *Correio da Manhã* e o *Jornal do Brasil* publicaram matérias e editoriais pedindo a saída de Jango e, depois, celebraram a ação de militares e civis que resultou no golpe de 1964, sob a bandeira da “defesa da democracia” e em repúdio ao comunismo. (ABREU, 2003)

Uma vez instaurada a ditadura, a imprensa foi se adequando ao novo panorama político do país. Apesar de a maior parte dos grandes jornais ter apoiado o golpe, ao longo dos anos seguintes sua postura nem sempre foi favorável aos militares. Alguns periódicos, como *O Estado de S. Paulo*, o *Jornal da Tarde* e o *Jornal do Brasil* passaram a fazer diversas críticas ao governo, tanto no que dizia respeito às medidas econômicas e sociais quanto políticas, denunciando excessos cometidos, cassações de mandatos e prisões arbitrárias.<sup>3</sup> No entanto, as críticas à ditadura feitas em suas páginas não significavam necessariamente o fim do apoio desses jornais aos militares.

Contudo, nem todos os periódicos alteraram, ainda que em partes, suas linhas editoriais após o endurecimento da ditadura. Jornais como *O Globo* e *Folha da Tarde* e as revistas *Manchete* e *O Cruzeiro*, por exemplo, continuaram apoiando abertamente os militares, seja através de matérias e editoriais favoráveis ao governo, seja pela ausência de críticas mesmo nos períodos mais conturbados, ou por notícias acompanhando e elogiando o cenário político brasileiro como se não vivêssemos um estado de exceção.

Intelectual extremamente engajada, Rachel praticou “jornalismo de combate” em suas crônicas contra João Goulart e o partido ao qual era filiado, o PTB, e a favor do golpe civil-militar em 1964. Uma vez instaurada a ditadura, a escritora continuou fazendo críticas à “herança varguista” e defendendo os governos militares, apresentando os progressos e as melhorias trazidas para o país pelo novo regime. (MENDES, 2017)

<sup>3</sup> Com a imposição do Ato Institucional nº 5 (AI-5), instituindo a censura prévia aos meios de comunicação, jornais como o *Correio da Manhã* e o *Jornal do Brasil* tiveram seus diretores e vários jornalistas presos, enquanto outras redações foram invadidas e fechadas pela repressão. (Abreu, 2002) *O Estado de S. Paulo* e o *Jornal da Tarde* sofreram censura prévia entre agosto/setembro de 1972 e janeiro de 1975 (Aquino, 1999), enquanto outros periódicos passaram a praticar a autocensura para evitar a intervenção direta do governo. (Kushnir, 2004)



Para este artigo serão trabalhadas as crônicas políticas de Rachel de Queiroz publicadas na revista *O Cruzeiro* durante o período de 1970 a 1974, recorte temporal correspondente ao governo do presidente militar Emílio Médici<sup>4</sup>. Nas crônicas, analisaremos como a intelectual fez um papel de mediação entre os militares e o seu público leitor e contribuiu, desta forma, para a legitimação da ditadura no país. Ao informar sobre novas obras e programas do governo, ao repetir *slogans* e propagandas oficiais e ao avaliar o desempenho do regime fazendo balanços favoráveis aos militares, Rachel levava aos seus leitores e, conseqüentemente, à sociedade brasileira uma visão positiva da ditadura. No entanto, seus textos também percorriam o caminho oposto, informando a políticos e militares no poder sobre os problemas e dificuldades que a população enfrentava, principalmente na região Nordeste do país, sua terra natal.

Para pensarmos neste movimento de mão dupla exercido por Rachel na revista *O Cruzeiro*, utilizamos a noção de “intelectual mediador” proposta por Angela de Castro Gomes e Patricia Santos Hansen. Segundo as autoras, “o intelectual que atua como mediador cultural produz, ele mesmo, novos significados, ao se apropriar de textos, ideias, saberes e conhecimentos, que são reconhecidos como preexistentes”. (GOMES; HANSEN, 2016, p. 18) Assim, como todo intelectual mediador possui um projeto político-cultural, compreende-se que esse indivíduo cria novos produtos culturais e novas formas de comunicação ao buscar colocar bens culturais em contato com grupos mais amplos, de modo que “aquilo que o intelectual ‘mediou’ torna-se, efetivamente, ‘outro produto’: um bem cultural singular”. (GOMES; HANSEN, 2016, p. 18)

A definição que as autoras propõem para o papel deste mediador cultural – inspiradas pelas contribuições de Jean-François Sirinelli sobre o tema, dentre outros – é, também, bastante interessante para se pensar a atuação político-cultural de Rachel de Queiroz:

[...] numa acepção [sobre o conceito de intelectual] mais ampla e numerosa, estariam os intelectuais mediadores, cuja atenção primordial se volta para as práticas que fazem “circular” os produtos culturais em grupos sociais mais amplos e não especializados. Tais intelectuais seriam aqueles voltados para a construção de representações que têm grande impacto numa sociedade, sendo estratégicos para se entender como uma série de novos sentidos são

<sup>4</sup> Rachel de Queiroz ficou afastada da revista *O Cruzeiro* de 1968 até 1970, por motivos não identificados. Por conta disso, suas crônicas sobre o governo Médici começam no ano de 1970, apesar de o general ter assumido a presidência da República em 1969.



gestados a partir da recepção de bens culturais; de como tais bens transitam entre grupos sociais variados; de como a esfera da cultura se comunica, efetivamente, com a esfera social (GOMES; HANSEN, 2016, p. 26).

Como cronista de uma revista de circulação nacional no século XX e intelectual politicamente engajada, Rachel de Queiroz era produtora e mediadora de bens culturais na medida em que abordava acontecimentos do cotidiano político, social e econômico do país e do mundo de forma simples e franca para seus leitores, fazendo circular em grupos sociais amplos o seu projeto político-cultural de nação. Como cronista, Rachel abordava temas relevantes sobre o dia a dia do país através de uma linguagem acessível e direta, estabelecendo uma relação de cumplicidade com seus leitores, influenciando e transformando sua realidade e sendo influenciada por eles. Além disso, dialogava diretamente com o presidente Médici, elogiando suas ações em prol do povo brasileiro e fazendo sugestões de problemas a serem resolvidos e soluções a serem tomadas.

No entanto, a relação entre a escritora e Médici não se limitou apenas às crônicas publicadas na imprensa, analisando a atuação do general à frente da presidência da República – Rachel e o militar também trocaram correspondências privadas ao longo da década de 1970. Assim, antes de analisar as crônicas da escritora na imprensa durante o governo Médici, veremos como a relação entre ambos ia além da esfera pública.

### **“Cara amiga”: correspondências com Médici**

Durante os anos que antecederam o golpe de 1964, Rachel e seu marido, Oyama de Macedo, construíram relações próximas de amizade com o marechal Castello Branco, trocando visitas, telefonemas e correspondências. Rachel e o militar tinham também um grau de parentesco distante pela família Alencar, da qual a escritora descendia pelo lado materno. Após a instauração da ditadura, Rachel foi nomeada delegada do Brasil na Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), em 1966, e foi empossada como membro do Conselho Federal de Cultura, em 1967 – ambas indicações diretas de Castello Branco. (QUEIROZ; QUEIROZ, 1998)

Além disso, após a criação do MDB e da ARENA, resultante da extinção dos partidos políticos então existentes e da imposição do bipartidarismo, decretadas pelo Ato Institucional nº 2 (AI-2) em 1965, Rachel passou a integrar o diretório nacional da ARENA. Em seu livro de memórias, Rachel conta que Castello Branco pediu sua filiação porque queria ver, além de



políticos, também intelectuais formando o partido. (QUEIROZ; QUEIROZ, 1998, p. 205) A escritora integrou o diretório da ARENA desde a sua criação, em 1966, até abril de 1972. No entanto, seu nome não consta nas listas de presença em nenhuma reunião do diretório ao longo desses anos, o que indica que sua participação foi mais uma concessão de seu prestígio intelectual do que uma atuação ativa. (Arquivo do Diretório Nacional da ARENA / FGV-CPDOC)

Durante a década de 1970, Rachel também manteve uma relação de proximidade com Médici, embora não tenha sido uma amizade tão íntima quanto tivera com Castello Branco. Rachel e o general trocaram correspondências pelo menos entre 1971 e 1977. No acervo da escritora organizado pelo Instituto Moreira Salles (IMS) constam três cartas enviadas pelo militar, enquanto no arquivo Emílio Médici, depositado no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), foram encontradas duas cartas, uma enviada por cada missivista.

Entre as correspondências identificadas, duas consistem em agradecimentos feitos por Médici pelo envio de livros escritos por Rachel. Na primeira delas, datada em outubro de 1971, o então presidente da República agradece o envio da obra *Meu Livro de Brasil* e elogia o seu conteúdo. O livro, escrito em conjunto com Nilda Bethlem, foi publicado pela editora José Olympio em 1971 e integrava a série *Educação moral e cívica – 1º Grau*, organizada em parceria com o Ministério da Educação e Cultura (MEC). A coletânea começou a ser produzida quando o governo militar tornou obrigatório nas escolas brasileiras o ensino da disciplina de Educação Moral e Cívica, em 1969, com o objetivo de educar os estudantes de acordo com os valores impostos pela ditadura. Na correspondência escrita por Médici, o militar agradece a “generosa dedicatória” feita por Rachel junto ao livro enviado, e diz ter encontrado nela “a certeza de que a verdade e o trabalho sério são os ingredientes da grande mudança em que todos nós nos empenhamos”. (Médici, 1971) Ao final, declara-se um admirador da escritora e assina como “EG Médici”.

Em junho de 1975, já na condição de ex-presidente da República, Médici agradece o envio do livro *Dôra, Doralina* (1975), novamente referindo-se à dedicatória feita pela escritora, afirmando “ver nela refletida, em todo esplendor, a alma generosa do Nordeste”. O romance escrito por Rachel, assim como uma boa parcela da sua obra, se passa em grande parte no Nordeste, fruto da forte ligação que a escritora sempre teve com sua terra natal. Sabendo disso, Médici aborda o assunto e homenageia a região:



Do Nordeste, devo testemunhar-lhe, muito mais recebi, do que pude dar; esquecendo seus sofreres, o carinho dessa gente maravilhosa, sempre serviu para retemperar minhas forças e revigorar meu propósito de bem servir ao Brasil. E, por sabê-la legítima representante do nobre espírito e da indômita coragem desse homem, lhe asseguro, com prazer, guardar com imensa afeição, o Nordeste em meu peito (Médici, 1975).

Conforme veremos mais adiante, a relação entre Médici e o Nordeste foi assunto recorrente nas crônicas escritas por Rachel de Queiroz. Na imprensa, da mesma forma, o militar foi retratado como “o primeiro presidente do Brasil a visitar o Ceará em plena seca” (*Jornal do Brasil*, 05/06/1970, p.3), em viagem realizada em junho de 1970, quando anunciou uma série de medidas buscando a melhoria da região. O tema serviu de aproximação entre o general e Rachel, que se considerava uma espécie de porta-voz do Nordeste, e continuou sendo assunto mesmo depois de Médici deixar a presidência da República.

Além do conteúdo presente nas correspondências, é necessário prestar atenção no tratamento encaminhado pelos dois missivistas. Com ambas as partes sempre fazendo questão de demonstrar respeito e admiração, também é possível identificar uma relação de amizade entre eles. Médici diversas vezes se refere à Rachel como “cara amiga”, “prezada amiga”, ou ainda “minha amiga”, reforçando a todo o momento o bom relacionamento que tinha com a escritora. Ao final da missiva agradecendo o envio de *Dôra Doralina*, o militar reafirma esta relação de amizade: “Saiba a cara amiga, que em nossa e, na humildade de minha pessoa e de Scylla [esposa de Médici], encontrará sempre sincera amizade e elevada estima”. (Médici, 1975)

Essa mesma demonstração de “estima” e “admiração” é encontrada em outra carta, escrita pelo militar em 4 de novembro de 1977, no dia da cerimônia de posse de Rachel na Academia Brasileira Letras. A escritora foi a primeira mulher eleita como imortal, aos 66 anos, passando a ocupar a cadeira n.º 5, cujo patrono é Bernardo Guimarães. Na ocasião, Médici lhe cumprimenta pela entrada na ABL e se desculpa pela ausência na cerimônia de posse:

Gostaria imenso poder participar das alegrias e das galas dessa sua noite de posse na Academia Brasileira de Letras. Seria não só um prazer, como um grato dever, fazer-me pessoalmente presente na oportunidade em que, de direito e de justiça, alcança a mais alta láurea do valor literário. [...] Nos cumprimentos que ora lhe trago, através [do] meu fraterno amigo AURÉLIO DE LYRA TAVARES, rodo identificar minhas homenagens à inteligência,



ao talento e brilho, virtudes que, entre tantas outras, exornam sua personalidade. Do admirador, E.G. Médici (Médici, 1977).

Há ainda uma troca de correspondências iniciada por Rachel em março de 1972 sobre a sua participação no diretório nacional da ARENA. Na missiva enviada a Médici, Rachel confessa não ter comparecido a nenhum encontro do partido desde a sua fundação e se justifica dizendo que lhe faltava a “vocação para a vivência partidária”. Explicando que aceitou inicialmente a posição na ARENA “tanto por amor à nossa Revolução como por vontade de colaborar”, a escritora pede a sua substituição por um nome que rendesse mais em “termos partidários” e, ao final, reafirma seu compromisso com o movimento de 1964 e com o presidente Médici:

Mas nem de longe quer esta minha atitude significar qualquer divergência com a Revolução, com o seu partido, ou com o grande Presidente que nos governa. Pelo contrário, cada vez me sinto mais obrigada e fiel a esta Revolução, encarnada na figura exemplar do Presidente Emílio Médici. Cada vez tenho mais orgulho neste Brasil novo que vamos construindo, de 1964 para cá. Aliás, quem acompanha a minha modesta atuação jornalística, facilmente pode verificar a adesão e solidariedade constantes que mostro em relação aos feitos e obras e política revolucionários (Queiroz, 1972).

Fica evidente, na correspondência escrita por Rachel de Queiroz, seu apoio ao Médici e à ditadura – chamada por ela de “Revolução” –, a quem se declara “fiel” e sem “qualquer divergência”. Além disso, a escritora também faz uma referência direta a sua atuação jornalística, a partir de crônicas políticas publicadas na revista *O Cruzeiro*, onde estão evidentes a “adesão” e a “solidariedade” de Rachel ao governo no poder. Assim, a escritora procura mostrar que, se por um lado não se sente útil para a ditadura como correligionária da ARENA, por outro, auxilia onde está a sua vocação: nas letras, fazendo “jornalismo de combate” favorável aos militares.

Médici respondeu ao pedido de Rachel dois meses depois, em maio de 1972. Abrindo a missiva com “Minha querida Rachel de Queiroz”, o presidente em exercício sublinhou a lealdade e a simplicidade da escritora e afirmou conhecê-la muito bem “por suas cartas anteriores, seus livros, seus artigos, suas opiniões e posições”. Sobre o pedido de afastamento da ARENA, Médici relata ter levado sua solicitação ao Filinto Müller, na época presidente do partido e líder do governo no Senado. Ao final da carta, reafirma sua convicção em Rachel: “Com a consciência da relevância de seus serviços, ao país e à Revolução, no Partido ou fora



dele, agradeço mais essa demonstração de confiança e renovo as expressões de minha grande admiração. Emílio G. Médici”. (Médici, 1972)

Aqui vemos novamente indícios da repercussão das crônicas escritas por Rachel de Queiroz em apoio à ditadura. Médici cita seus artigos, opiniões e posições e, mais adiante, afirma estar “consciente da relevância de seus serviços, ao país e à Revolução” – serviços já destacados pela escritora em suas considerações, quando cita sua atuação jornalística.

Cabe ressaltar que, enquanto a escritora reafirmava todo seu comprometimento e fidelidade tanto à ARENA quanto à ditadura, alguns nomes importantes do partido já vinham tecendo críticas severas ao governo principalmente após o AI-5, renunciando a cargos ou mesmo desfilando-se da ARENA. Políticos como Adauto Lúcio Cardoso, Aliomar Baleeiro, Aloísio de Carvalho, Daniel Krieger, Carvalho Pinto, Milton Campos, Pedro Aleixo e Afonso Arinos foram alguns dos arenistas que fizeram críticas contundentes aos militares. No ano da troca de cartas entre Rachel e Médici, em 1972, o então presidente do Supremo Tribunal Federal (STF) Aliomar Baleeiro concedeu entrevista condenando o AI-5 e criticando as restrições impostas ao Judiciário. No ano anterior, Adauto Lúcio Cardoso renunciou ao cargo de ministro do STF em repúdio ao não acolhimento da proposta de inconstitucionalidade para o decreto que autorizava a censura prévia a livros e periódicos. Conforme evidencia Lucia Grinberg (2009), embora a ARENA fosse um partido alinhando ao governo militar, a relação entre ambos não era engessada e em diversos momentos os políticos arenistas encontraram margens de manobra para agir em desacordo com os militares e se posicionar de forma crítica diante de medidas consideradas antidemocráticas. Portanto, o fato de Rachel dialogar em suas correspondências com um ditador, líder de um governo autoritário, não significava necessariamente que não havia espaço para divergências – ao contrário, suas demonstrações de admiração e lealdade pareciam genuínas.

A relação de respeito e amizade entre Rachel e Médici evidenciada nas cartas aqui analisadas indica ainda, de um lado, o prestígio que a escritora tinha com o círculo militar e com os ocupantes do poder durante a ditadura, e, de outro, o reconhecimento de Médici quanto à importância intelectual de Rachel, refletida tanto em seus romances quanto em livros voltados para a disseminação dos valores do regime, como foi o caso de *Meu Livro de Brasil*, mas, principalmente, em suas crônicas publicadas na imprensa em defesa da ditadura, assunto do próximo tópico.



Conforme explica Angela de Castro Gomes, o envolvimento de intelectuais com regimes políticos é uma relação bastante complexa, uma via de mão dupla com inúmeras possibilidades, que permite a participação em um novo espaço político que se abre. Segundo a historiadora, que estudou a relação entre intelectuais e o Estado Novo (GOMES, 1996), o apoio a regimes autoritários não passa apenas por uma simples adesão a diretrizes ideológicas ou pela cooptação de caráter utilitário, cuja única recompensa seriam bens materiais. Inclui também tanto oportunidades financeiras quanto simbólicas, de prestígio sociocultural, como a nomeação para um alto cargo administrativo, um ministério ou uma missão diplomática. (GOMES, 2007, p. 46-47)

Assim, o envolvimento de intelectuais com esses regimes se dá, na maior parte das vezes, a partir de um “pacto” construído com o governo, no qual ambas as partes acabam por se beneficiar, como pudemos perceber na relação construída entre Rachel e o Estado autoritário. A escritora obteve recompensas tanto financeiras quanto de prestígio sociocultural durante o regime, como a possibilidade de contato direto com presidentes militares; sua nomeação para o Conselho Federal de Cultura e a eleição para a Academia Brasileira de Letras, ambas as instituições de caráter conservador e em uma relação de consentimento e apoio com a ditadura; e ainda sua nomeação como delegada do Brasil na Assembleia Geral da ONU. Por outro lado, permitiu que seu nome constasse no diretório da ARENA durante seis anos, concedendo seu prestígio intelectual ao partido, e se colocou à disposição do governo militar para colaborar com a “Revolução”, explicitada na carta a Médici.

O que se buscou evidenciar aqui é que a relação de Rachel de Queiroz com a ditadura passou muitas vezes por afinidades ideológicas e semelhanças nos discursos patrióticos, mas não se limitou a este fator. Segundo Angela de Castro Gomes, a “cooperação” e o “consenso” com o Estado também estão ligados a relações profissionais ou de amizade, fruto do convívio em redes de sociabilidade, e aos mais diferentes tipos de recompensa, tanto materiais quanto simbólicas. (GOMES, 2007, p. 46-47))

### **As crônicas políticas na *Última Página* da revista *O Cruzeiro***

Por conta de sua linguagem simples e direta, a efemeridade do suporte no qual circula e a temática voltada para assuntos do cotidiano, a crônica foi considerada durante muito tempo um gênero menor da literatura. Uma escrita vista como despreziosa, próxima do



“nosso jeito de ser mais natural” e, por conta disso, também com maior possibilidade de assimilação entre o público leitor. (CANDIDO, 1992) Trabalhos mais recentes, contudo, têm procurado repensar o estudo com as crônicas. Sidney Chalhoub e Leonardo Pereira (1998) apontam a intervenção na realidade como uma das principais características do gênero. Valendo-se de linguagem simples e leve, abordando assuntos atuais e de relevo para o seu público, a crônica possibilita uma maior penetração junto aos leitores e permite ao seu autor analisar e transformar a realidade que o cerca.

Assim, definido a partir da “tensão entre a tarefa de comentar a realidade e o intuito de transformá-la”, o gênero possui uma característica dialógica por excelência, ao estabelecer uma via de mão dupla entre autor e público. (CHALHOUB *et al.* 2005, p. 17) Ao buscar no cotidiano assuntos e questões a serem comentados em seus textos, o cronista está sempre sujeito a imprevistos, dependente dos acontecimentos com os quais procura interagir e sendo transformado e influenciado por eles e pela maneira como suas crônicas são recebidas por seus leitores. Desta forma, “se o cronista fazia dos seus artigos um modo de intervir sobre a realidade, influenciando os leitores, por outro ele era também influenciado por eles, cujas expectativas e interesses ajudavam a definir temas e formas que passaria a adotar”. (CHALHOUB *et al.* 2005, p. 17)

As crônicas políticas escritas por Rachel de Queiroz durante o governo Médici evidenciam essa intenção de análise e intervenção na realidade, bem como a possibilidade de diálogo entre o cronista, seu público leitor e o contexto político e social que os cercam. Durante o período pesquisado, Rachel atuou como intelectual mediadora entre a sociedade e a ditadura, colocando-se no papel de fiadora do governo e apresentando didaticamente seus progressos e conquistas, de um lado; e, de outro, trazendo problemas e questões a serem resolvidas, identificadas a partir do rumo dos acontecimentos e do contato frequente com o povo nordestino, fruto das longas estadias em sua fazenda no interior do Ceará.

Durante o governo Médici, foram muitas as crônicas escritas por Rachel manifestando apoio aberto à ditadura. Em seus textos, a escritora demonstrava grande satisfação com os rumos do país e dedicava muitas linhas apresentando ao seu público leitor os progressos alcançados pelos militares. Para isso, investiu frequentemente na apresentação de balanços e avaliações sobre o andamento do governo, sempre com saldo extremamente positivo. Em agosto de 1970, quando retorna à revista *O Cruzeiro* após dois anos afastada, a escritora reúne



uma série de informações sobre o país para mostrar o que mudou desde a última crônica que havia escrito, ainda em 1968:

No mais, a caminhada se processa metodicamente, enfrentando-se um obstáculo de cada vez. As estradas de asfalto cada dia penetram mais longe o interior profundo, as pontes escalam os rios e os braços de mar, nos estaleiros se multiplicam navios, as fábricas de veículos passam da casa de um milhão, as demais indústrias se expandem em ritmo japonês. A grande ofensiva da educação alcança índices que surpreendem os mais otimistas, Brasília se consolida, as dívidas se pagam, o dinheiro se reabilita, o crédito internacional se afirma com valor inesperado (*O Cruzeiro*, 04/08/1970, p. 130).

Analisando o cenário do país à época, Rachel reúne informações sobre transporte, indústria, educação e economia, todas apresentadas aos seus leitores de forma otimista e positiva. Após o período de dois anos no qual esteve afastada, o saldo do governo, portanto, estava para lá de favorável, e se manteve assim nos anos seguintes.

Ao final de 1972, por exemplo, a escritora publicou crônica intitulada “Balanço”, onde faz justamente um resumo do ano que passou, tanto no Brasil quanto no mundo. Enquanto Rachel cita problemas enfrentados mundo afora, o contrário é visto aqui: “No Brasil, como se sabe, as notícias são boas”. E segue enumerando todos os progressos alcançados pelo governo militar:

As exportações transbordam da pauta, os homens do dinheiro vêm de chapéu na mão oferecer mais, a industrialização cresce, os corredores de produção se alargam, as estradas se multiplicam. Até a Belém-Brasília, que, confesso – no tempo em que abriram –, muitos de nós supúnhamos fadada a ser engolida de novo pela mata, no ano que vem já estará de asfalto de ponta a ponta! E já não chega a Transamazônica, vem agora a Perimetral, que irá estender um ramal de boa vontade até o Suriname. E as litorâneas no Nordeste e no Sul – podem jogar caminhão na praça que estrada não falta! (*O Cruzeiro*, 27/12/1972, p. 122).

Em consonância com o discurso otimista do governo, Rachel novamente enumera diversas melhorias trazidas pela ditadura, desta vez de uma forma ainda mais específica, nomeando obras como a Belém-Brasília, a Transamazônica e a Perimetral. A escritora usa também um vocabulário mais especializado, reproduzindo palavras como “exportações”, “corredores de produção” e “ramal”, termos que não apareciam com frequência em suas crônicas antes da década de 1970. Contudo, durante o governo Médici foi tornando-se mais comum aparecer termos técnicos em seus textos e informações dadas de tal forma que se



assemelhavam ao discurso e à propaganda oficiais feitos por órgãos especializados da ditadura.

Em meados de 1972, após visita feita à cidade de Manaus, no Amazonas, Rachel escreveu a crônica intitulada “A Zona Franca de Manaus”. Criada pelo decreto-lei nº 288, em 28 de fevereiro de 1967, durante o governo Castello Branco, a Zona Franca de Manaus foi pensada para ser uma área de livre comércio de importação e exportação e de incentivos fiscais, com o objetivo de impulsionar o desenvolvimento no interior da Amazônia a partir da criação de um centro industrial, comercial e agropecuário.<sup>5</sup>

Em sua crônica, Rachel começa apresentando os problemas enfrentados pela região, como o transporte precário, a energia elétrica intermitente e a dificuldade de abastecimento de artigos de importação, entre eles gasolina, café, trigo e remédios. Em seguida, destaca a grande mudança pela qual teria passado o estado do Amazonas, tudo graças ao novo programa do governo militar:

Pois veio a Zona Franca de Manaus e revolucionou tudo: foi o acordar da Bela Adormecida. A vida se pôs a vibrar, o comércio deu um salto prodigioso, nascem novas lojas e bancos como cogumelos depois da chuva – Manaus parece uma nova Hong Kong. De todo o Brasil acorrem viajantes atraídos pelas benesses da Zona Franca. Erguem-se edifícios, o povo todo participa da nova prosperidade. [...] E agora já chegam à cidade os primeiros tentáculos da Transamazônica, abrindo a perspectiva de acesso terrestre à imensa região. E então a gente pergunta: depois de concluída a Transamazônica, quem é que vai segurar mesmo aquele Amazonas? (*O Cruzeiro*, 17/02/1972, p. 130).

Em tom claramente propagandístico, assim como na crônica citada anteriormente, a escritora destaca as “benesses da Zona Franca” e faz alusão ao conhecido *slogan* da ditadura, “Ninguém segura este país”, ao levantar a pergunta “quem é que vai mesmo segurar aquele Amazonas?”. Ao mencionar em seu texto a visita feita a Manaus, Rachel atribui autoridade de fala a si e, conseqüentemente, aos dados passados ao seu público leitor. Contando sobre todos os progressos que viu de perto, a escritora informa aos leitores de outros estados do país sobre os benefícios produzidos pela ditadura para a região Norte.

Nas três crônicas citadas aqui, podemos perceber o esforço de Rachel em apresentar, com linguagem mais simples e direta possível, as conquistas do governo militar e as

<sup>5</sup> Cf. Decreto-lei nº 288, com as diretrizes da criação da Zona Franca de Manaus. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/del0288.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del0288.htm)>. Acesso em: 14 abr. 2018.



melhorias trazidas para a população brasileira. Seus textos dialogavam com o conteúdo produzido pela Assessoria Especial de Relações Públicas (Aerp), e posteriormente Assessoria de Relações Públicas (ARP), órgãos responsáveis pela produção e divulgação da propaganda política da ditadura. Entre 1969 e 1977, esses órgãos retomaram e reinventaram matrizes ideológicas do Estado Novo para disseminar uma visão otimista e esperançosa baseada na crença no futuro promissor do país, de modo a construir um ideal de “brasilidade”, de “sentimento de nacionalidade” que passava pela imagem de um “Brasil grande”, com recursos naturais e potencial humano para ser uma nação desenvolvida. (FICO, 1997)

Parodiando *slogans*, reproduzindo dados técnicos de forma compreensível e fazendo balanços positivos sobre o andamento da “Revolução”, Rachel esteve o tempo todo alinhada com a propaganda oficial do governo e contribuiu, desta forma, para a disseminação de um clima otimista e favorável entre seus leitores em relação à ditadura.

Se em alguns textos deste período a escritora se referia ao governo militar de um modo geral, em muitos outros, mencionava especificamente o presidente Médici. Em grande parte dessas crônicas o assunto era o Nordeste, abordando as dificuldades enfrentadas, como a seca e a falta de trabalho, e os obstáculos que iam sendo superados graças às boas ações que o governo executava, segundo a própria escritora. A região natal de Rachel recebeu a atenção do presidente principalmente a partir de junho de 1970, quando uma grande seca que assolava o Nordeste ocasionou a visita de Médici. Conhecendo cidades no interior do Ceará e do Rio Grande do Norte, o militar conversou com flagelados e viu de perto as condições precárias de trabalho e moradia que enfrentavam. Encerrou a viagem em Pernambuco, onde anunciou medidas assistenciais para a região e declarou: “Nada, em toda a minha vida, me chocou assim e tanto me fez emocionar e desafiar a minha vontade. [...] Isso não pode continuar”. (*Jornal do Brasil*, 07 e 08/06/1970, p. 3)

Exatamente um ano após a visita do general ao Nordeste, em junho de 1971, Rachel publica a crônica “Notícia para o presidente Médici”, com o objetivo de informar ao militar e aos leitores do resto do país sobre os avanços na região e, segundo a escritora, “apenas para a agradecer”:

Agradecer por esta seca de setenta que, pelo menos aqui no sertão do Quixadá, se passou com o mínimo de dano possível, graças às providências tomadas para acudir o povo. No consenso unânime dos caboclos, foi esta a



‘melhor seca que já atravessaram’, o que é, dizendo pouco, dizer muito” (*O Cruzeiro*, 12/05/1970, p. 130).

Nesta época, Rachel geralmente dividia o ano entre uma temporada de seis meses no Rio de Janeiro, onde tinha um apartamento, e outra em Quixadá, no interior do Ceará, na fazenda *Não Me Deixes*, herança de sua família. (GUERELLUS, 2015, p. 67) Por conta disso, a escritora mantinha contato próximo e frequente com moradores e trabalhadores rurais da região, presenciando suas dificuldades e ouvindo seus relatos. Na crônica citada, Rachel traz informações sobre a jornada de trabalho dos nordestinos, a seca enfrentada, a produção e o preço de alimentos. E, ao final, menciona a viagem feita por Médici no ano anterior para convidá-lo a uma nova visita ao Nordeste:

Escute, Presidente, o senhor, que tanto lhe doeu o coração ante aquela miséria que viu, por que não toma de novo o seu avião e não vem dar uma olhada naqueles mesmos lugares por onde andou no ano passado? Vai ser uma consolação. Verá que agradecidos não estaremos só nós, Presidente, até a terra também se mostra agradecida pela paciência que se teve com o ingrato ano que passou. Nunca o sertão se mostrou tão lindo. Parece que rebenta todo em verde e em flor. [...] Sim, vá ver, Presidente. Vá verificar que sua ajuda foi merecida. Em vez daquele caldo preto de feijão na lata, tem gente que bota no fogo três panelas de feijão por dia! (*O Cruzeiro*, 12/05/1971, p. 130).

Ao descrever a região e o cotidiano dos nordestinos, Rachel aproxima o Nordeste ao resto do país e leva aos seus leitores, em linguagem simples e agradável, informações sobre os avanços que, em sua opinião, o governo Médici trouxe para o local. Munida de sua autoridade de fala como nordestina e moradora do sertão cearense, Rachel faz propaganda a favor da ditadura em suas crônicas ao estabelecer um canal de diálogo entre o Nordeste e o resto do país, mediado por ela própria.

No mesmo ano, o governo Médici lançou o Programa de Assistência ao Trabalhador Rural (PRO-RURAL), ligado ao Fundo de Assistência ao Trabalhador Rural (FUNRURAL), concedendo aposentadoria por velhice e validez para os trabalhadores do campo, além de auxílio-funeral e serviços de saúde e sociais.<sup>6</sup> De forma semelhante à crônica anterior, no texto “O governo chega ao sertão” Rachel faz uma apresentação detalhada sobre a relação dos agricultores com o banco, as dificuldades em cuidar da terra e as condições desfavoráveis do

<sup>6</sup> Cf. Sistema de Legislação da Previdência Social. Disponível em: <<http://sislex.previdencia.gov.br/paginas/23/1972/69919.htm>>. Acesso em: 13 abr. 2018.



crédito agrícola para os nordestinos. A introdução na primeira parte da crônica sobre os problemas enfrentados cumpre o objetivo de valorizar a parte seguinte, o novo programa do governo:

Ah, meu Deus, mas agora os homens de cima abriram os olhos. Veio o Presidente Médici com o seu programa de assistência ao trabalhador rural em termos realistas, realizáveis. Levar – com recursos colhidos na área urbana, que é a imemorial exploradora do trabalho no campo, a assistência ao trabalhador rural. Alterar basicamente o programa de empréstimo das carteiras agrícolas, transformando em auxílio concreto o que até ao dia de hoje era ajuda contraproducente, embora bem intencionada. [...] Enfim, o que a gente pode dizer é que esse programa de assistência e ajuda ao homem rural, tal como o apresenta agora o governo, nos parece tão maravilhosamente realizável que até se tem medo de acreditar (*O Cruzeiro*, 28/04/1971, p. 146).

Apresentando aos seus leitores o novo programa lançado por Médici, Rachel expõe as dificuldades que existiam para a superação do problema e, em seguida, as novas soluções encontradas pelo governo. Além de descrever as qualidades do programa, a escritora adiciona também sua opinião favorável, considerando a medida como “maravilhosamente realizável”. Eram frequentes, portanto, as crônicas que apresentavam melhorias e programas do governo, principalmente voltadas para o Nordeste, de modo a divulgar entre seus leitores, em linguagem simples, os progressos da ditadura.<sup>7</sup>

No entanto, nem todos os textos da escritora se limitavam a elogiar o governo militar e o presidente Médici. Algumas crônicas tinham o objetivo de chamar a atenção do regime para problemas ainda existentes no país – e, novamente aqui, o Nordeste sobressai como a principal região analisada por Rachel. Cabe destacar, contudo, que mesmo nos textos em que a escritora aponta a necessidade de avanços no país, as queixas feitas em nenhum momento tiveram o intuito de questionar a legitimidade da ditadura, mas, sim, buscar melhorias e soluções.

<sup>7</sup> Antes do processo de abertura política e da consequente memória da resistência lhe imporem a imagem de *tirano e torturador*, Médici foi por muito tempo o nome mais popular da ditadura; o amante de futebol que frequentava o Maracanã; “o primeiro presidente do Brasil a visitar o Ceará em plena seca” (*Jornal do Brasil*, 05/06/1970, p.3), conforme noticiava a imprensa; o líder do “milagre econômico”, que encontrou nas festividades do sesquicentenário da independência a saudação calorosa de meio milhão de brasileiros que o aplaudiram no desfile de São Paulo. Elogiado pela imprensa e celebrado por uma parcela significativa da população, o general passava bem longe da imagem negativa que lhe seria atribuída anos mais tarde, como o presidente dos “anos de chumbo”, responsável por dezenas de mortes e torturas. Para uma discussão aprofundada sobre as disputas de memória sobre a imagem do general Médici, cf. Cordeiro (2015).



Na crônica “O milagre e o sertão”, por exemplo, Rachel introduz a reclamação de um grupo de senadores nordestinos quanto às dificuldades que a região ainda encontrava para se desenvolver. No entanto, a escritora avisa que vai deixar a linguagem política de lado, acusando-a de “muito técnica”, e, como já a vimos fazer outras vezes, procura traduzir as reivindicações para os seus leitores a partir de suas próprias palavras e experiências: “Queria dar aqui um depoimento de filha da terra, de dona de uma garra de terra por lá, [...] zona central do sertão cearense. Testemunha não só visual e auricular, mas testemunha com os meus cinco sentidos: isso sou eu” (*O Cruzeiro*, 29/12/1971, p. 130) Assim, usando sua condição de nordestina e fazendeira do sertão, Rachel promete apresentar o seu próprio testemunho, atribuindo legitimidade ao seu discurso, e expõe suas opiniões:

Não, (e não é a primeira vez que digo isso) – não, o milagre brasileiro ainda não chegou ao sertão nordestino. Nenhuma das sub-revoluções que a Revolução de março operou deu por lá o ar da sua graça. [...] O sertanejo, hoje, como há dez ou cem anos, continua sem conhecer presença de governo. Presença de governo só sentiu, ultimamente, durante a seca de 70, quando a intervenção pessoal do Presidente da República desencadeou medidas de socorro urgente às populações flageladas e lhes deu trabalho até que passasse a calamidade. Mas, finda a seca, tudo voltou ao de dantes – solidão e desamparo. Em todos os setores: saúde, educação, agricultura, comércio – tudo. [...] O Presidente Médici, certa vez, referindo-se aos males do Nordeste, teve uma frase: “Isso deve acabar.” Pois não acabou, Presidente. Não acredite quando lhe afirmam que as coisas lá mudaram, porque não mudaram. Para além da beira das estradas novas, é a velha desolação (*O Cruzeiro*, 29/12/1971, p. 130).

Novamente referindo-se à visita de Médici ao Nordeste em meados de 1970, Rachel de Queiroz a utiliza para dirigir-se diretamente ao presidente militar, assumindo a posição de porta-voz da região e dos seus moradores. Ao apresentar os problemas que ainda persistem no sertão, a escritora leva as queixas e reivindicações dos nordestinos ao conhecimento dos seus leitores, que inclui políticos e autoridades do governo, e, como consequência, para a sociedade brasileira. Ao final, quando escreve diretamente a Médici, Rachel estabelece um diálogo entre o presidente da República e os nordestinos – sem, contudo, acusá-lo de negligência, afinal, ressalta que o militar recebia informações de “que as coisas lá mudaram”, o que atenuaria sua responsabilidade.

É interessante percebermos, ainda, como o discurso de Rachel varia em pouco tempo. Apenas sete meses antes, na crônica “Notícia para o presidente Médici”, escreveu em tom



bastante diferente e consideravelmente mais otimista, destacando que “nunca o sertão se mostrou tão lindo” e convidando o militar para voltar ao Nordeste (*O Cruzeiro*, 12/05/1971, p. 130). Essas mudanças e variações indicam, como foi discutido no início deste tópico, a intenção de interferir na realidade, mas também a suscetibilidade ao rumo dos acontecimentos e às manifestações de seus leitores e do resto da sociedade à qual Rachel estava submetida em sua condição de cronista.

Em outra ocasião, Rachel escreveu uma carta aberta ao presidente Médici em forma de crônica, publicada no seu espaço semanal em *O Jornal*, outro periódico dos *Diários Associados* para o qual colaborava. Escrito em agosto de 1970, também após a visita do general ao Nordeste, o texto é emblemático para pensarmos a atuação da escritora como intelectual mediadora entre o governo militar e a sociedade brasileira. Já no início da crônica, Rachel manifesta sua intenção de se encontrar pessoalmente com Médici para pedir pela região nordestina e, ao fazer isso, se coloca na posição de “fiadora do governo”:

A 1º junho, parti do Ceará e estava na firme intenção de procurar Vossa Excelência, em Brasília ou no Rio, a fim de lhe prestar um depoimento sobre o que acontecia – e também do que não acontecia – na região central do sertão cearense, que é o meu nativo Quixadá. E não era de oficiosa, sr. Presidente, que eu pretendia obter essa entrevista. Era porque, além da parte que natural e profundamente me toca na nossa tragédia, eu me tinha constituído numa espécie de fiadora do governo, junto ao povo da zona. Eu tinha prometido, jurado, garantido, que o governo da Revolução não deixaria os sertanejos desamparados, não faltaria com o socorro indispensável, com o indispensável trabalho, perto, ou relativamente perto das suas moradas, livrando-os daquilo de que eles têm mais medo: a necessidade de *retirar* (*O Jornal*, 02/08/1970, p. 4).

Ao fazer a mediação entre os nordestinos e o presidente, Rachel conta ter se “constituído numa espécie de fiadora do governo” ao defender a “Revolução” junto aos sertanejos. Por outro lado, ao mediar um diálogo aberto entre ambos, a escritora também leva queixas e pedidos feitos pelo povo nordestino, que passa a ver na figura de Rachel alguém com proximidade ao governo Médici. Por conta dessa identificação, a escritora conta ter recebido uma carta de um “homem de confiança”, sem revelar seu nome, relatando o problema das frentes de trabalho na região, que eram distantes da moradia dos trabalhadores e dificultavam os deslocamentos e o envio de dinheiro para a família em suas casas.

Depois de expor as dificuldades das frentes de trabalho e suas consequências, Rachel encerra sua crônica pedindo a intervenção de Médici junto ao problema:



Por favor, mande verificar isso que digo, sr. Presidente. O pior de uma seca é transformar o povo em retirantes. Talvez não se precise nem aumentar os recursos empregados – seja questão apenas de empregá-los melhor. Muito agradecida pelo que já fez e confiando e esperando no que ainda fará, sou, sr. Presidente, sua patrícia e correligionária (*O Jornal*, 02/08/1970, p. 4).

A carta aberta a Médici é, neste sentido, uma síntese da atuação de Rachel como intelectual e cronista no período da ditadura: ao lado do governo, confiando em suas ações e trabalhando para que o resto do país também confiasse, mas sem deixar de cobrar por melhorias e denunciar os problemas que identificava ou que lhe contavam, atuando como um canal de comunicação entre o povo e o regime militar – problemas que, embora identificados e denunciados, jamais tiveram a intenção de questionar a legitimidade da ditadura.

### Considerações finais

Atuando como “fiadora do governo” e porta-voz dos nordestinos, Rachel chamou para si a função de mediadora entre a ditadura e a sociedade, tanto os que liam as suas crônicas quanto os que não liam – afinal, muitos dos seus textos denunciavam a realidade de trabalhadores rurais pobres e analfabetos. Como intelectual mediadora, fazia circular informações do povo brasileiro para os políticos e militares e do governo para o seu público leitor. Desta forma, estabeleceu uma relação de cumplicidade não apenas entre autora e público, mas também entre intelectual e Estado.

Defensora ferrenha do governo militar na sua *Última Página*, Rachel de Queiroz procurou expor em suas crônicas o projeto político da ditadura, abordando as campanhas estatais e as obras que eram realizadas, explicando as ações e medidas governamentais que atingiam seus leitores. Assim, contribuindo para a construção de uma atmosfera otimista e para a naturalização de um regime autoritário junto à sociedade, Rachel de Queiroz, sempre consciente de seu papel como intelectual, colaborou para a legitimação da ditadura no Brasil.

### Referências

#### Fontes

Biblioteca Nacional – *O Cruzeiro* e *O Jornal*

CPDOC/FGV – Arquivo do Diretório Nacional da ARENA

IHGB – Arquivo Emílio Garrastazu Médici



Instituto Moreira Salles – Acervo Rachel de Queiroz

### Correspondências

MÉDICI, Emílio. [Carta] 11 out. 1971, Brasília [para] QUEIROZ, Rachel de. Acervo Rachel de Queiroz/IMS. Agradecimento pelo envio do livro *Meu Livro de Brasil*.

MÉDICI, Emílio. [Carta] 04 mai. 1972, Brasília [para] QUEIROZ, Rachel de. 1f. Arquivo Emílio Garrastazu Médici/IHGB. Dispensa do diretório nacional da ARENA.

QUEIROZ, Rachel de. [Carta] 06 mar. 1972, Rio de Janeiro [para] MÉDICI, Emílio. Arquivo Emílio Garrastazu Médici/IHGB. Dispensa do diretório nacional da ARENA.

MÉDICI, Emílio [Carta] 20 jun. 1975, Rio de Janeiro [para] QUEIROZ, Rachel de. 2f. Acervo Rachel de Queiroz/IMS. Agradecimento pelo envio do livro *Dôra, Doralina*.

MÉDICI, Emílio. [Carta] 04 nov. 1977, Rio de Janeiro [para] QUEIROZ, Rachel de. 1f. Acervo Rachel de Queiroz/IMS. Congratulações pelo ingresso na Academia Brasileira de Letras.

### Bibliografia

ABREU, Alzira Alves de. A imprensa e seu papel na queda de João Goulart. **FGV/CPDOC**, 2004. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/NaPresidencia>

Republica/A\_imprensa\_e\_seu\_papel\_na\_queda\_de\_Goulart, acesso em: 28 jun. 2019.

\_\_\_\_\_. **A modernização da imprensa (1970-2000)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

AQUINO, Maria Aparecida de. **Censura, Imprensa, Estado Autoritário (1968-1978): o exercício cotidiano da dominação e da resistência: O Estado de S. Paulo e Movimento**. Bauru: EDUSC, 1999.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas: Unicamp, 1992.

\_\_\_\_\_. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (Orgs.). **A história contada: Capítulos de história social da literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_; NEVES, Margarida de Souza (Orgs.). **História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil**. São Paulo: Unicamp, 2005.

CORDEIRO, Janaina Martins. **A ditadura em tempos de milagre: Comemorações, orgulho e consentimento**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.



FERREIRA, Raquel França dos Santos. **A ‘Última Página’ de *O Cruzeiro***: crônicas e escrita política de Rachel de Queiroz no pós-64. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

FICO, Carlos. **Reinventando o otimismo**: Ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1997.

GOMES, Angela de Castro. Cultura política e cultura histórica no Estado Novo. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel; GONTIJO, Rebeca (Orgs.). **Cultura política e leituras do passado**. Historiografia e ensino de História. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. 236

\_\_\_\_\_. **História e historiadores**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.

\_\_\_\_\_. O ministro e sua correspondência: projeto político e sociabilidade intelectual. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **Capanema**: o ministro e seu ministério. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

GRINBERG, Lucia. **Partido político ou bode expiatório**: um estudo sobre a Aliança Renovadora Nacional (Arena), 1965-1979. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009;

GUERELLUS, Natália de Santana. **Como um Castelo de Cartas**: culturas políticas e a trajetória de Rachel de Queiroz (1910-1964). Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

KUSHNIR, Beatriz. **Cães de guarda**: jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988. São Paulo: Boatempo, 2004.

MAIA, Tatyana de Amaral. **Os cardeais da política nacional**: o Conselho Federal de Cultura na ditadura civil-militar (1967-1975). São Paulo: Itaú Cultural: Iluminuras, 2012.

MENDES, Fernanda. “**A fiadora do governo**”: as crônicas de Rachel de Queiroz na revista *O Cruzeiro* (1960-1975). Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

MEYRER, Marlise. Revista *O Cruzeiro*: um projeto civilizador através das fotorreportagens (1955-1957). **História Unisinos**, v. 14, n. 2, São Leopoldo, p. 197-212, mai./ago. 2010.

QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**. São Paulo: Círculo do Livro, 1996.

\_\_\_\_\_; BETHLEM, Nilda. **Livro-Guia para Meu Livro de Brasil 3-4-5**. 7ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

\_\_\_\_\_; QUEIROZ, Maria Luíza de. **Tantos anos**. São Paulo: Siciliano, 1998.

REIS FILHOS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; SÁ MOTTA, Rodrigo Patto (Orgs.). **A ditadura que mudou o Brasil**: 50 anos de golpe de 1964. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.



ROLLEMBERG, Denise; QUADRAT, Samantha Viz (Orgs.). **A construção social dos regimes autoritários**: legitimidade, consenso e consentimento no Século XX. Brasil e América Latina. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010, v. 2.

SIRINELLI, Jean-François. As elites culturais. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (Orgs.). **Para uma história cultural**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

\_\_\_\_\_. Os Intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.